



Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 

Equipe editorial
: Marília Carolina de Moraes Florindo
Coordenação de produção editorial : Denise Pimenta de Oliveira
Revisão : Emilyly Dias de Matos
Projeto gráfico : Cláudia Dias
Foto de capa : Inês Ulhôa / Editora UnB
Ilustrações : Petchó Silveira
Fotos de ilustrações : Carlos Borges
: © 2022 Editora Universidade de Brasília
: Direitos exclusivos para esta edição:
: Editora Universidade de Brasília
: Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
: Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
: CEP: 70910-900
: Site: www.editora.unb.br
: E-mail: contatoeditora@unb.br
: Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
: publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
: qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

V111 Vá no seu tempo e vá até o final : mulheres negras
cotistas no marco dos 60 anos da UnB / Dione
Oliveira Moura, Deborah Silva Santos
(organizadoras). – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2022.
168 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-127-2 (impresso).
ISBN 978-65-5846-121-0 (e-book).

1. Mulheres negras. 2. Universidades e
faculdades - Ingresso. 3. Programas de ação
afirmativa na educação. 4. Universidade de
Brasília - História. I. Moura, Dione Oliveira
(org.). II. Santos, Deborah Silva (org.).

CDU 378.014 (09)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

“Quando as mulheres negras se movem...” 9

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Parte 1

Nossos passos vêm de longe

Jornalista, professora, pesquisadora negra americana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB: a vivência de uma epistemologia afrocentrada 17

Dione Oliveira Moura

Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB 23

Deborah Silva Santos

Vinte anos do EnegreSer:

aprender e fazer História com o movimento negro 29

Aida Feitosa

Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB

O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB 37

Aline Pereira da Costa

Alegria da experiência como cotista negra 43

Andressa Marques da Silva

E agora sou eu que vivo esta história! 47

Anna Caroline Costa Silva

Uma revoada em curso 49

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor 53

Dalila Noletto Torres

“Isso é por eu ser uma mulher preta?” 59

Deborah Carolina Silva Duarte

É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço 63

Elen Cristina Ramos dos Santos

Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais 69

Flora Egécia

Nossas vidas importam 73

Hallana Moreira Ramalho Costa

O sistema de cotas para negros é, sim, um direito 79

Iara de Jesus dos Santos

A primeira da família a ingressar no ensino superior 85

Juciele Fonseca

Explorar tudo o que a UnB pode oferecer 87

Julian Esttefane da Silva Reis

O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras 91

Kátia Silene Souza de Brito

Transcender como negra a cada dia 97

Keila Meireles dos Santos

A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória 101

Letícia Bispo

Ocupar um espaço que pertence ao povo negro 107

Maria Antônia Perdigão

Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres 115

Mariana Paiva Soares

O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial 119

Michele Duarte da Silva

Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB 127

Vitória Carolina Silva Duarte

O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região 131

Maria Lúcia Martins Gudinho

Parte 3

Celebrar as vitórias e avançar

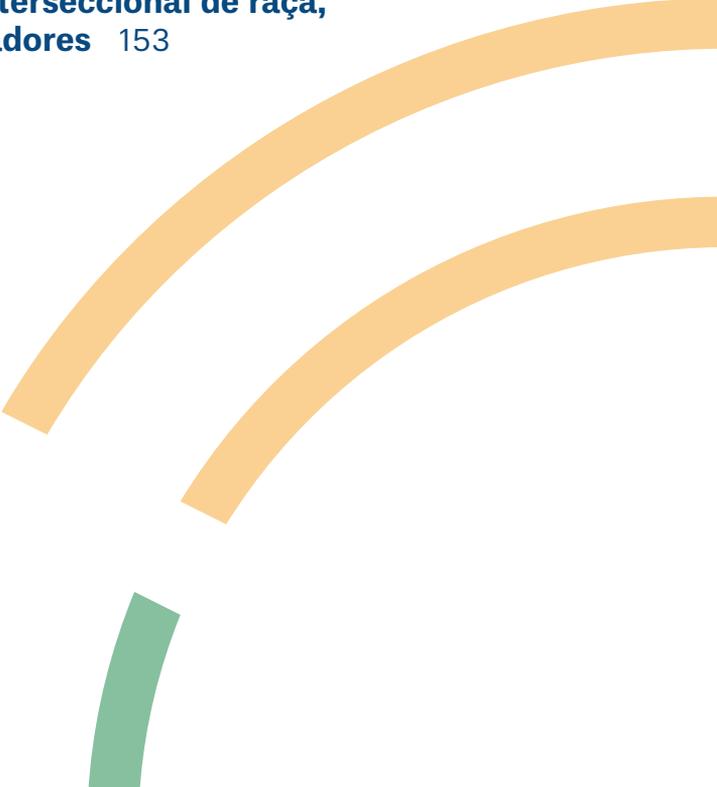
À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB 143

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Posfácio – Uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores 153

Renísia Cristina Garcia Filice

Sobre as autoras 161







Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB



Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor

Dalila Noleto Torres

A infância no Maranhão e a vinda para Brasília

Sou nascida em Imperatriz, no Maranhão. Sou filha de mãe solo, que engravidou com 16 anos. Como não tinha registro do pai biológico, acabei sendo adotada pelos meus avós maternos e por eles criada, mesmo tendo minha mãe em casa durante minha infância. Ela estudava e trabalhava e por isso sempre fiquei aos cuidados de minha avó, que também foi mãe adolescente. Minha mãe terminou o ensino médio integrado a um curso técnico e hoje é artesã. Meu avô, que era caminhoneiro, e minha avó, que trabalhava em casa, não tinham o ensino fundamental completo. Quando eu tinha oito anos, meu avô foi assassinado e o caminhão foi roubado. Nós o encontramos três dias depois do ocorrido, enterrado na beira de uma estrada de chão. Foi um trauma enorme para toda a família, visto que o caso tomou repercussão e éramos ameaçados constantemente. Foi assim que, quando tive idade para cursar o ensino médio, minha mãe/avó decidiu vir para Brasília para que eu tivesse a chance de estudar na UnB como minha tia, que tinha acabado de se formar em Pedagogia e havia passado no concurso da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Assim, minha tia se tornou a chefe da família, visto que minha mãe/avó não tinha mais saúde para costurar. Nesse tempo minha mãe havia se casado novamente e já não morava conosco, então eu e meu irmão viemos para Brasília com minha mãe/avó. Dois tios meus já moravam aqui.

Em termos raciais, sempre fui a única negra, pois a família de minha mãe é de origem italiana, com mistura com caboclos, e se reconhece como branca. Inclusive já ouvi diversos relatos de comportamentos racistas e preconceituosos de membros da família. Minha bisavó disse à minha mãe que ela não era mais sua neta pois namorava com um negro, meu pai, por exemplo. Nesse sentido, nunca tive problemas com minha autoidentificação como pessoa

negra, mesmo tendo tido consciência de que minha pele seria clara demais para algumas pessoas, anos depois. Mesmo assim, minha mãe/avó conta que eu, quando bem pequena, pedia para tomar banho pois estava suja, pela cor da minha pele. Só deixei de ser a única negra da família quando um tio/avô adotou uma menina negra e depois, quando eu ia fazer 15 anos, minha irmã caçula nasceu, também negra. Nunca tive muito contato com meu pai biológico ou minha família do lado paterno. Hoje isso vem mudando.

Quando iniciei minha vida escolar

Iniciei minha vida escolar em uma escola particular e, a partir da alfabetização, estudei na Escola do Serviço Social da Indústria (Sesi), com bolsa de estudos até a sétima série e, na oitava série, em escola particular com bolsa esportiva. Em Brasília, fiz o ensino médio em uma escola pública em Taguatinga. Meu sonho era estudar na UnB como minha tia, mesmo só indo ao Plano Piloto para comprar passe escolar e não tendo ideia nem de onde a Universidade ficava! Assim, no meio do primeiro ano do ensino médio, revezava o tempo de escola com um preparatório para o PAS. Tive uma boa pontuação e por isso consegui estágio no Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) no segundo ano. Foi meu primeiro emprego. Segui trabalhando, até ter que abandonar o emprego para fazer o preparatório novamente, e segui assim até finalizar o ensino médio. Não passei no Programa de Ação Seriado, mas depois de dois vestibulares consegui entrar na UnB.

Meus problemas na escola derivaram do fato de eu ser nordestina, do Maranhão. Tinha que ouvir diversas coisas, como que eu passava fome e estava acostumada a carregar balde na cabeça, por exemplo. Eu nunca senti nada em relação a minha identificação racial, mesmo porque sempre fui ótima estudante e muitos desses que caçoavam de mim passaram a me respeitar por precisarem de minha ajuda. Além disso, não tinha consciência das implicações de cor/raça na minha vida, isso só viria na Universidade.

Finalmente, eu, Dalila, na UnB

Quando era estudante de ensino médio, sempre me identifiquei com a área de Exatas, e a única disciplina das Ciências Humanas de que gostava era Língua Portuguesa. Assim, fiz o primeiro vestibular por meio do PAS para Biologia. No terceiro ano tive aula de Geopolítica e de Filosofia Política e me identifiquei com os problemas e perspectivas abordados em sala. Foi então que acabei mudando de opção de curso e fiz vestibular para Ciência Política. Soube do sistema de cotas para negros no cursinho e sempre tive o apoio da minha família, pois, já que sou negra, poderia sim ingressar na Universidade pelo sistema, mesmo que na época não entendesse bem o que isso significava. Sou da primeira turma ingressa pelo sistema de cotas para negros na UnB, do segundo semestre de 2004.

Como nunca fui boa em Humanas, na Universidade os desafios foram muitos, a começar por me sentir perdida, como se não acompanhasse meus colegas, por nunca saber o suficiente. Minhas primeiras notas nas disciplinas do curso foram médias. No primeiro ano

pensei diversas vezes em abandonar o curso, considerando ainda as dificuldades relativas à falta de dinheiro para livros, cópias e demais custos. Ganhei mais força ao entrar para o Programa Brasil Afroatitude, quando recebi bolsa para fazer pesquisa, ao mesmo tempo em que tínhamos encontros para discutir a temática racial e nossos problemas. Foi ali que fiz minhas principais amizades, que vêm até os dias atuais, com diferentes gerações de estudantes de vários departamentos. No meu curso nunca conseguia acompanhar o pessoal em bares, festas ou encontros casuais por falta de dinheiro e por não ter carro próprio. São nesses ambientes que a amizade do pessoal do mesmo curso é fortalecida. Não fiz muitos amigos em meu departamento. Bom, somente no terceiro semestre passei a me identificar com o curso e a gostar dele, e até hoje continuo atuando em minha área de formação sem arrependimentos.

Busquei experimentar as diversas faces de atuação profissional nesse campo, juntamente com as atividades de pesquisa. Assim, fiz estágio em gestão e em assessoria parlamentar. No entanto, minha paixão sempre foi a pesquisa, apesar de não ter em mente ser professora. Ter entrado pelo sistema de cotas para negros e ter o companheirismo de colegas em situações semelhantes à minha certamente contribuiu para minha permanência na universidade. Para além do dinheiro e apoio, se destacava a formação interdisciplinar e humanística, mesmo com as dificuldades inerentes de não haver disciplinas focadas na questão racial ou mesmo professores negros à época. Também ajudou muito o fato de eu ter despertado minha consciência para os problemas sociais, os significados e o peso que raça e cor podem ter na vida de uma pessoa. Por exemplo, ao concorrer a uma vaga de estágio, tive que escutar que eu não tinha perfil para ela, depois de menos de cinco minutos de entrevista. Em todos os estágios que fiz, passei por seleção com provas. Nessas situações, ficamos sem reação, mesmo entendendo os porquês de terem acontecido. Finalmente, com um pouco de atraso, concluí meu curso de Ciência Política no segundo semestre de 2008, com formatura realizada em 2009.

Minhas escolhas acadêmicas e profissionais

Ter ingressado na UnB pelo sistema de cotas influenciou minhas escolhas acadêmicas e profissionais, tendo em vista tudo o que aprendi e a visão de mundo que construí. Após formada, meu primeiro emprego foi na UnB, como estagiária técnica, uma espécie de trainee, atuando diretamente com os estudantes cotistas, em pesquisa sobre esses alunos e acerca das políticas institucionais de apoio a eles. Ao mesmo tempo, alimentei o sonho de ser diplomata e saí desse trabalho para me dedicar ao estudo para o Concurso de Admissão, visto que fui aprovada na seleção de bolsistas do Programa de Ação Afirmativa do Ministério das Relações Exteriores (MRE), em 2009, e assim pude priorizar estudar no ano seguinte. Nesse meio tempo, apareceu a oportunidade de aplicar para bolsa também afirmativa para negros e indígenas da Fundação Ford para estudo de pós-graduação no Brasil e no exterior. Também passei no último ano do programa e, para me dedicar, tive que abandonar o sonho da diplomacia por um tempo. Assim, fui fazer o mestrado em Estudos Latino-Americanos na Universidade do Texas, em Austin (EUA), onde pesquisei o processo político das ações afirmativas nas universidades do Brasil, finalizando o trabalho em 2012 (Torres, 2012).

Voltando ao Brasil, fui convidada a trabalhar com gestão de projetos e orçamento no Governo do Distrito Federal (GDF), atuando na área de promoção da igualdade racial. Mesmo com mudanças de governo, fui convidada a ficar. Portanto, minha principal atuação profissional e acadêmica esteve ligada ao entendimento e à promoção da igualdade racial no DF e no Brasil. Em 2015, ingressei no programa de doutorado em Estudos Comparados sobre as Américas na UnB e busquei expandir essa perspectiva acerca da abordagem do racismo por partidos políticos advindos de grupos revolucionários em Cuba e na Nicarágua. Com a entrada de Bolsonaro no poder, quis sair do Brasil para tentar outros caminhos de atuação acadêmica e de pesquisa e consegui bolsa para doutorado em Antropologia Sociocultural na Florida International University (FIU), mesmo sem ter terminado o programa anterior, para não desperdiçar a oportunidade. Contudo, infelizmente, passei por diversos processos de adoecimento, fato que abalou minha carreira de maneira profunda. Não consegui terminar o doutorado na UnB dentro do prazo e resolvi abandonar o da FIU. Com o início da pandemia, voltei para casa e até o momento estou sem trabalhar e sem vínculo com nenhum Programa, mas cuidando de minha saúde para retomar meus projetos e sonhos de ser doutora e diplomata.

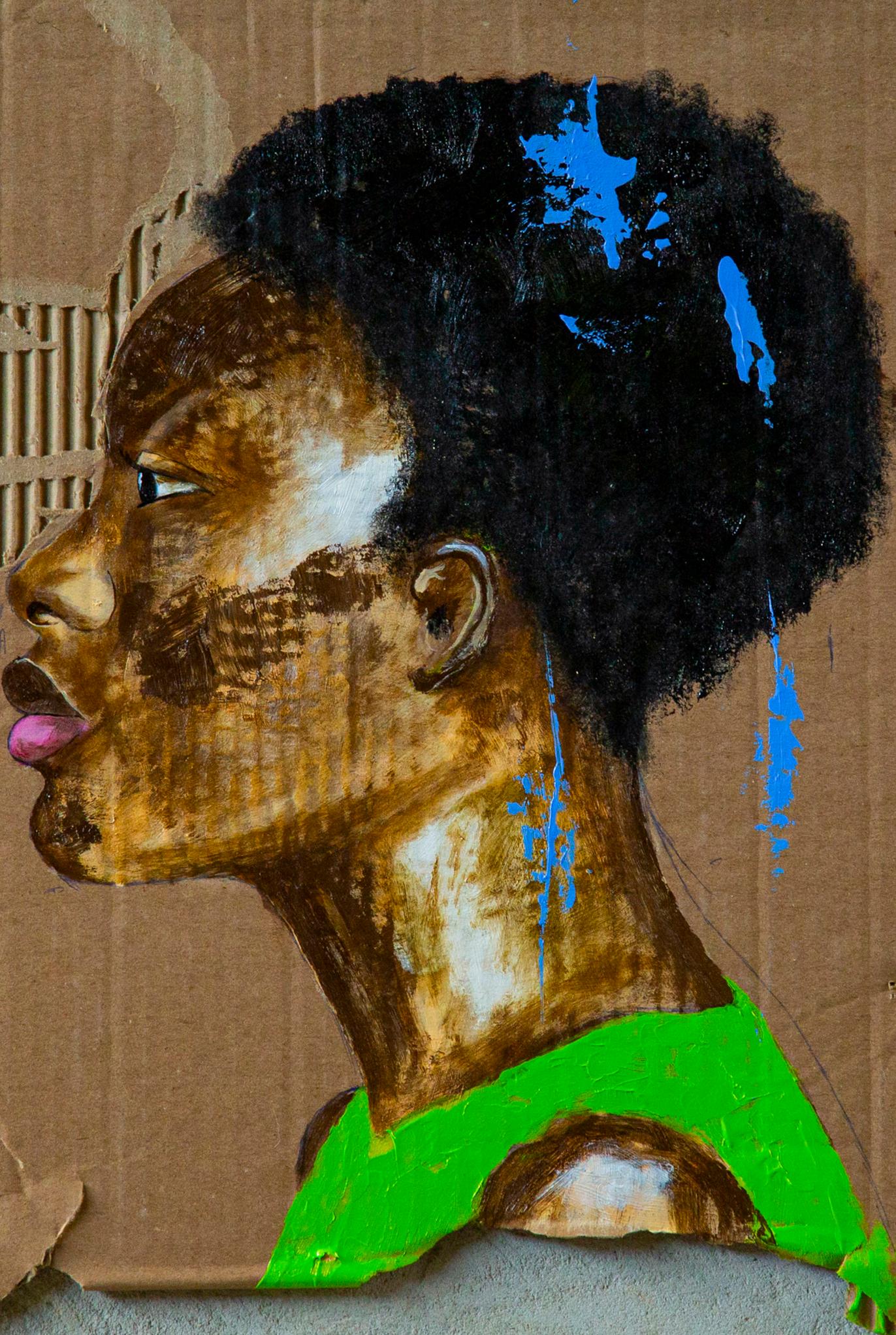
O impacto positivo da minha trajetória

Apesar de meus fracassos recentes, hoje vejo que eu, como ser humano, precisava olhar mais para mim e menos para o estresse e a correria que construir uma carreira de sucesso envolve. Com o tempo, vi que o impacto positivo de minha trajetória é a certeza de que, mesmo com toda dificuldade e barreiras, é possível alcançar oportunidades sem deixar de ser quem se é. Mesmo que minha situação atual não seja a ideal, esse fato não apaga meu histórico de vitórias importantes. Se não fossem as ações afirmativas e a oportunidade de ter estudado na UnB, eu nunca sequer sonharia ter vivido algumas experiências, como a vida em outros países e a convivência com outros povos, que, mesmo diferentes, compartilham muito do que é ser brasileiro e negro. Tive a oportunidade de abrir minha cabeça e despertar minha consciência para além do individualismo e da ascensão financeira, entendendo o mundo como um palco para atuar e fomentar mudanças. Além disso, devo muito a meus professores, muitos deles não mais entre nós, que me apoiaram em meus sonhos e não deixaram de afirmar que eu era suficiente e que poderia chegar onde quisesse.

É este exemplo que busco deixar para meus amigos, colegas, estudantes e quem quer que seja: que independentemente de onde você veio, o que importa é quem você é e para onde você vai. E que vai chegar lá sem abandonar sua ética de vida, sem esquecer suas origens; que vai sempre olhar para o futuro com esperança de vitória, apesar de toda a dificuldade que possa aparecer. Me orgulho muito de hoje minha irmã estar cursando Ciências Sociais na Universidade Estadual do Maranhão (Uema), ser feminista e antirracista e de minha prima adolescente ver em mim que estudar pode nos levar para outros patamares.

Referências

TORRES, Dalila Noletto. *Affirmative Action in Brazil: Affirmation or Denial?* Dissertação (Mestrado em Latin American Studies) – The University of Texas at Austin, UT, Au, 2012.



Sobre as autoras

Dione Oliveira Moura (organizadora)

Professora titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como sócia fundadora, diretora editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do projeto editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta (2011-2013). Foi diretora da Socicom e atualmente é diretora regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Na UnB, é docente do quadro desde setembro de 1995 e atuou em funções administrativas e acadêmicas, na vice-chefia e chefia do Departamento de Jornalismo, na Coordenação de Graduação, na Coordenação de Pós-Graduação e na Diretoria de Apoio à Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente, é diretora da FAC (Gestão 2019-2023). Também na UnB atuou e atua em conselhos e câmaras, como o Conselho Universitário (Consuni), o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), dentre outros. No que diz respeito ao tema central deste livro, foi eleita pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB, quando da aprovação do Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003; e, além disso, desenvolve pesquisas e orienta projetos de pesquisa relacionados a jornalistas negras e igualdade racial.

Deborah Silva Santos (organizadora)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) – Lisboa/Portugal. Mestra em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Historiadora pela PUC/SP. Atualmente é professora na Universidade de Brasília (UnB), atuando no curso de Bacharelado em Museologia. Ex-aluna do Workshop de Dissertação Mark Claster Mamolen (2018) do Afro-Latin American Research Institute/Harvard University. Pesquisadora do grupo de pesquisa Museologia, Memória e Patrimônio do PPGCInF da FCI/UnB. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa

em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (GEPPHERG). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/CEAM/UnB). Áreas de pesquisa: museu e Museologia, estudos das relações raciais, mulheres negras, memória e patrimônio afro-brasileiro e museus afro-brasileiros.

Aida Feitosa

Atua profissionalmente como jornalista, analista ambiental, professora e pesquisadora. Como ativista do movimento negro brasileiro, participou da criação do EnegreSer (Coletivo de Estudantes Negros da UnB), fundado em 2001; integra a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); e integra o Coletivo Beatriz Nascimento (que reúne estudantes negros e indígenas da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ). Graduada e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Aline Pereira da Costa

Graduada em 2008 pela UnB. Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ em 2019. Também se especializou em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília em 2012. Foi bolsista (2005-2008) e vice-coordenadora do Programa Afroatitude UnB entre os anos de 2009 e 2010, quando ingressou na carreira pública de assistência social do Governo do Distrito Federal. Chefiou o Núcleo de Afroempreendedorismo da Secretaria de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015) do GDF e compôs o Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal (2020). Atualmente, trabalha como educadora social na Secretaria de Desenvolvimento Social do GDF e integra o Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais da Universidade Estadual do Piauí.

Andressa Marques da Silva

Graduada em Letras pela UnB, mestra e doutora em Literatura pela UnB. Atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na elaboração de documentos norteadores e acompanhando as políticas públicas da instituição voltadas para os/as estudantes negros/negras e também em um projeto de formação de leitores a partir da experiência literária, especialmente com autoras negras.

Anna Caroline Costa Silva

Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB); moradora de Brazlândia-DF e bolsista de extensão do Projeto Comunicação Comunitária (ComCom) da FAC-UnB.

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Mestranda em Direito na UnB. Leonina, piauiense, afro-indígena, advogada popular. Associada do Coletivo Antônia Flor – Assessoria Técnica em Direitos Humanos do Piauí. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Faculdade Adelman (FAR).

Dalila Noleto Torres

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora visitante (em estágio-sanduiche) na Universidad Centroamericana en Managua, Nicarágua. Mestre em Estudos Latino-Americanos pelo Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS) da University of Texas at Austin (UT Austin). Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos sobre México, América Central e Caribe (MeCACB/ELA) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero (GREIG/ELA).

Deborah Carolina Silva Duarte

Graduada em Biotecnologia na UnB. Membro da Genesys Biotecnologia (Empresa Júnior) de 2017 a 2020, onde foi assessora dos setores administrativo e financeiro de agosto de 2017 a dezembro de 2018; diretora dos setores administrativo e financeiro de janeiro de 2019 a junho de 2019; diretora de operações de julho de 2019 a dezembro de 2019; e vice-presidente de janeiro de 2020 a dezembro de 2020. Estagiou no Laboratório de Fisiologia Vegetal da UnB do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2020 e no Laboratório de Biologia Forense da Polícia Civil do DF de junho de 2021 a agosto de 2021.

Elen Cristina Ramos dos Santos

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais e Bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Flora Egécia

Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

Hallana Moreira Ramalho da Costa

Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília (2020). Jornalista profissional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Iara de Jesus dos Santos

Jornalista, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Ingressou na UnB em 2015; defendeu, em 2021, o TCC *Ir à luta e garantir nossos espaços: Marcha das Mulheres Negras, memórias e novas vivências*. Participou da empresa júnior Pupila Audiovisual como membro de produção, direção de arte e como diretora de capacitação entre 2016 e 2018. Atualmente é produtora no “Canal Empreender”, na TV fechada, parceria entre o grupo Bandeirantes e o Sebrae.

Juciele Fonseca

Técnica de som direto de Brasília, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeira* (Edileuza Penha, 2018), dentre outros.

Julian Esttefane da Silva Reis

Graduada em Pedagogia pela UnB. Estuda Sociologia da Educação com foco no acesso e permanência no ensino superior. Professora temporária da Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Kátia Silene Souza de Brito

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CINF) da UnB e graduada em Museologia pela Faculdade de Ciências da Informação da mesma Universidade (FCI/UnB). Foi bolsista de iniciação científica (Pibic), com pesquisas nos temas Museologia, memória e patrimônio, Museologia virtual e cibermuseologia: estudos conceituais, mapeamentos e análise de manifestações virtuais museais e patrimoniais. Atualmente integra o grupo de pesquisa MUSEOLOGIA LAB: Laboratório de Pesquisa em Cultura digital e Museologia Virtual.

Keila Meireles dos Santos

Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Tem interesse em estudos sociológicos, Ciência da Informação com foco em produção e disseminação de culturas voltadas para jovens, atuando especificamente nos seguintes temas: juventude, gênero, raça/etnia, ação afirmativa e movimento *hip hop*. De 2017 a 2019 trabalhou como servidora analista de gestão governamental da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Servidora bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Uberlândia (UFO).

Letícia Bispo

Bacharela em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha como curadora, pesquisadora e crítica nas áreas de cinema e audiovisual. É técnica-administrativa em educação, na área de audiovisual, na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília.

Maria Antônia Perdigão

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG/FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no eixo temático racial, atua há mais de uma década no mercado como jornalista, assessora de imprensa e *social media*. Tem vasta experiência em áreas como política, Poder Legislativo e projetos de iniciativas socioambientais. Ao longo de sua trajetória, trabalhou na Câmara dos Deputados e na Executiva Nacional de partidos políticos. Atualmente é gestora das atividades de Comunicação Social de organizações não governamentais e entidades filantrópicas.

Maria Lúcia Martins Gudinho

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Línguas (Língua Portuguesa, Espanhol, Artes, Teatro e Literatura), na Universidade de Brasília. Membro da Coordenação Pedagógica do Projeto Residência Jovem. Monitora do Núcleo Territorial Kalunga. Fez graduação-sanduíche na Universidade Anton de Kom (Suriname). Especialista em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico – Faculdade UnB Planaltina-DF. Atualmente é assessora de comunicação da Prefeitura de Cavalcante-GO.

Mariana Paiva Soares

Formanda em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Trabalha como *social media* do projeto Jovem de Expressão e tem experiência com assessoria de comunicação e imprensa, produção audiovisual, assistência de produção, elaboração de projetos, roteiro e fotografia. Foi roteirista do documentário *Poeira que ainda respiramos*, que fala das memórias da ditadura militar na UnB. Como fotógrafa, participou da exposição *Lembretes do Existir*, na galeria Risofloras.

Michele Duarte da Silva

Licenciada em Ciências Naturais pela UnB, ingressou no ano de 2015 na Universidade. Hoje, atua no sistema socioeducativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

Renísia Cristina Garcia Filice

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação da UnB (Geppherg-FE/UnB). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab-CeamUnB) e da Comissão de Acompanhamento de Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (Capaa/UnB).

Vitória Carolina Silva Duarte

Mestra e doutoranda em Engenharia Mecânica na Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em Engenharia em Segurança no Trabalho pelas Faculdades Cruzeiro do Sul.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB

Esta obra vem coroar os 60 anos da Universidade de Brasília, uma Universidade à frente de seu tempo, que tem pontos a serem superados, mas que não estagna.

A cada ano a UnB avança e desponta no cenário nacional como uma das maiores referências do Brasil e da América Latina. Ano a ano, pouco a pouco, a sociedade diversa se faz presente no interior da UnB, e esta se espalha Brasil a fora formando pessoas tecnicamente competentes, humanamente sensíveis e socialmente comprometidas com um outro mundo possível, antirracista, antissexista e tecnicamente qualificado.

Existem ainda grandes desafios a serem superados, inclusive no monitoramento da política, em particular na permanência, mas já colhemos resultados que revelam quão potentes são as políticas afirmativas para mudar o mundo – sim, sonhamos alto.

Nesta obra, os relatos e pesquisas das mulheres negras não deixam dúvidas do quanto podemos sonhar e realizar. Ademais, timidamente, as novas epistemologias estão em curso, os novos currículos, as novas formas de ser e estar no mundo se articulam de forma inter, multi e transdisciplinar.

Renísia Filice